

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NAS CIÊNCIAS HUMANAS: A RECEPÇÃO DE HUSSERL NA FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

THE PHENOMENOLOGICAL METHOD IN THE HUMAN SCIENCES: THE RECEPTION OF HUSSERL IN CONTEMPORARY FRENCH PHILOSOPHY

Carlos Diógenes C. Tourinho¹

RESUMO: O presente artigo aborda o método adotado pela fenomenologia para a revelação do que aparece à consciência intencional. Em seguida, trata da possibilidade do uso do método fenomenológico nas ciências humanas. Para a elucidação do método fenomenológico, o artigo aborda lições de Husserl do começo do séc. XX. Com o objetivo de apreciar a possibilidade de uma visão fenomenológica nas ciências humanas, o artigo aborda obras de Jean-François Lyotard e Maurice Merleau-Ponty. Ao final, analisa a posição dos autores franceses quanto à relação entre a “intuição de essências” e a indução.

Palavras-chaves: Método; Fenomenologia; Husserl; Ciências Humanas; Lyotard; Merleau-Ponty

ABSTRACT: The present paper approaches the method adopted by phenomenology for the revelation of what appears to intentional consciousness. The article discusses the possibility of using the phenomenological method in the human sciences. For the elucidation of the phenomenological method, the article approaches Husserl's lessons of the beginning of the century XX. In order to appreciate the possibility of a phenomenological view in the human sciences, the article discusses works by Jean-François Lyotard and Maurice Merleau-Ponty. At last, the article analyzes the position of the French authors on the relation between the "intuition of essences" and the induction.

Keywords: Method; Phenomenology; Husserl; Human Sciences; Lyotard; Merleau-Ponty

¹ Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor Adjunto IV do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói-RJ). Coordenador do GT de Fenomenologia da ANPOF. E-mail: cdctourinho@yahoo.com.br

Introdução

A fenomenologia surge, no séc. XX, como projeto filosófico cuja realização não deixará de exercer inúmeros influxos e impactos sobre diferentes tendências e correntes do pensamento contemporâneo. Coube a Edmund Husserl anunciar, com a “nova fenomenologia” (*neuen Phänomenologie*), um novo modo de consideração, bem como um método de evidenciação para a abertura de uma nova objetividade do mundo, em cuja imanência os objetos se revelariam *na e para a* consciência, em sua doação originária. Daí o próprio autor dizer, em 1913, no § 20 de *Ideias I*, em tom de uma “ironia séria”, que: “Se por ‘positivismo’ entendemos o esforço, absolutamente livre de prejulgamentos, para fundar as ciências sobre o que é ‘positivo’, isto é, sobre o que é apreendido de modo originário, então, somos nós os autênticos positivistas!” (HUSSERL, [1913] 1976, p. 43). O presente artigo concentra-se, primeiramente, em torno da elucidação da estratégia metodológica adotada pela fenomenologia para a evidenciação do que se mostra originariamente à consciência intencional e, num segundo momento, em torno da possibilidade do uso dessa mesma estratégia nas ciências humanas (Sociologia, História, Psicologia, etc). Mais precisamente, inicialmente, o artigo tem como meta o esclarecimento do método fenomenológico, tal como Husserl o pensou a partir do começo do séc. XX, em suas primeiras considerações sobre o tema em questão, ainda nas lições proferidas em Göttingen, particularmente, no período de 1906/1907. Especificamente, serão destacadas as especificidades do exercício generalizado da *epoché* e da redução fenomenológica propriamente dita, com ênfase especial sobre o momento da redução eidética e, em particular, sobre o conceito husserliano de “intuição de essências”.

Uma vez aclarada tais especificidades metodológicas, o artigo concentra-se, num segundo momento, sobre a possibilidade de utilização do método fenomenológico nas ciências humanas em contraposição a uma concepção positivista das mesmas (concepção que se apoia, do ponto de vista metodológico, em um procedimento baseado em uma indução enumerativa). Mostrar-se-á que tal possibilidade de uma visada fenomenológica das ciências humanas será enaltecida, a partir da década de 50, por autores franceses (tais como Lyotard e Merleau-Ponty), atestando a recepção do projeto filosófico husserliano no pensamento francês contemporâneo. Para o exame de tal possibilidade, o artigo

abordará passagens de duas obras principais – *La Phénoménologie* (1954) e *Les Sciences de l'Homme et la Phénoménologie* (1951) – publicadas, respectivamente, por Jean-François Lyotard e Maurice Merleau-Ponty. Ao final, o artigo analisará em que medida a posição dos referidos autores franceses se aproxima ou mesmo se afasta – sobretudo, em relação ao conceito husserliano de “intuição de essências” – das considerações de Husserl. Passemos, então, a um exame mais detalhado de tais considerações sobre o método fenomenológico e, em seguida, das posições assumidas por Lyotard e Merleau-Ponty em relação à possibilidade de uma visão fenomenológica das ciências humanas.

***Epoché*, redução fenomenológica e “intuição de essências” em Husserl**

Um olhar panorâmico sobre o itinerário husserliano permite-nos notar, sobretudo, no início do século XX, nos cursos proferidos ainda no período de Göttingen (particularmente, nos anos de 1906 e 1907), a apresentação de um quadro expositivo a partir do qual Husserl fornece a elucidação da posição fenomenológica perante o mundo, bem como o esclarecimento do método adotado pela fenomenologia para a evidenciação do que aparece à consciência intencional na qual (e para a qual) as coisas – sob o modo de “coisas intencionadas” – se mostrariam elas mesmas, em sua doação originária. Pode-se dizer que, em Husserl, o anseio de esclarecimento do referido método encontra-se diretamente relacionado a uma espécie de “desafio metodológico” que, brevemente, poderia ser descrito nos seguintes termos: ao tomar como ponto de partida o modo ingênuo de consideração da “atitude espiritual natural” (*natürlichen Geisteshaltung*) adotada habitualmente pelos homens, bem como pelas ciências positivas da natureza, ao tomar a relação entre a consciência empírica e o mundo que lhe cerca, ao constatar que tal relação nos impõe, obrigatoriamente, limitações (na medida em que tudo o que se mostra empiricamente se mostra “parcialmente”, revelando-nos apenas “traços” da coisa percebida a partir de uma dada perspectiva), ao considerar tudo isso, qual a especificidade do recurso metodológico a ser adotado, sem que fosse negada a existência do mundo, para que este mesmo mundo pudesse aparecer verdadeiramente, isto é, para que ele pudesse reaparecer em sua “totalidade”, revelando-se, portanto, como “fenômeno”? Trata-se, assim, em tal desafio, da exigência de adotar uma estratégia metodológica por intermédio da qual pudesse se abrir um “campo” (*Feld*), especificamente, o que poderíamos chamar,

num primeiro momento, de “campo fenomenal”, em cuja imanência tudo aquilo que aparecesse pudesse, então, se dar originariamente e, portanto, com evidência máxima, livre das limitações que a relação empírica com o “mundo circundante natural” (*natürliche Umwelt*) insiste em nos impor².

Tal estratégia consiste, conforme Husserl reiterou ao longo do seu itinerário, no exercício da *epoché* fenomenológica, isto é, da suspensão do juízo em relação à posição de existência de tudo o que é transcendente. Renuncio a fazer considerações a respeito do que não me é, imanentemente, revelado como um dado “efetivo e autêntico” (*wirkliche und eigentliche Gegebenheit*). Atribui-se, aqui, nos termos das “Cinco Lições” de abril-maio de 1907, um “índice de nulidade” (*Index der Nullität*) ao que é transcendente e, portanto, a todo o domínio empírico-natural sobre o qual agem as ciências positivas. A própria certeza imediata da ocorrência da vivência de cogitar (isto é, de afirmar, de negar, de duvidar, etc.) que, como tal, é vivência “psicológica” e, portanto, própria de um eu empírico, deveria, segundo Husserl, cair sob o referido “índice de nulidade”, uma vez que tal certeza não seria ainda a certeza de um “dado absoluto”. Reduz-se, por conseguinte, a própria imanência em sentido psicológico: “...imanência na consciência dos homens e no fenômeno psíquico real” (HUSSERL, [1907] 1950, p. 7). Tal ampliação da suspensão de juízo é motivada pela exigência de que a imanência – enquanto “imanência psicológica” e, portanto, considerada como “acontecimento real” (*reales Vorkommnis*) – fosse depurada de todo o resquício de transcendência (de dúvidas e de incertezas) que em si mesma pudesse ainda conservar.

O exercício expansivo da *epoché* permite à fenomenologia atravessar uma espécie de “portal” (metáfora utilizada por Husserl nas lições de 1906/1907), através do qual se tonaria possível reivindicar uma apreensão intuitiva de essências do que se mostra à consciência intencional. Abre-se, em tal propósito, um novo campo de investigação em cuja imanência o fenômeno se revelaria, objetivamente, como dado “efetivo e autêntico”. Trata-se, portanto, nos termos de Husserl, em abril-maio de 1907, da abertura de uma “terra firme de dados” (“*Festlande von Gegebenheiten*”). Nas lições de 1906/1907, no § 34 do Capítulo V, Husserl se refere a este campo como “o mundo dos fenômenos como

² Sobre o desafio metodológico que se impõe à fenomenologia de Husserl (Cf. Tourinho, C. D. C. “O desafio metodológico de Husserl, o exercício generalizado da *epoché* e o estatuto transcendental da objetividade fenomenológica”. In: *Revista Portuguesa de Filosofia – Fenomenologia e Filosofia Prática*, V 71, Nº 1, 2015, pp. 11-25).

esferas de dados absolutamente indubitáveis” (*Die Welt der Phänomene als Sphäre absolut zweifelloser Gegebenheiten*). A submissão de todo o transcendente ao referido “índice de nulidade” torna-se um passo obrigatório para a abertura deste novo campo, entendido como esfera do genuíno e efetivo “dar-se em si mesmo das coisas”, de modo que tudo aquilo que aparecesse pudesse, então, se dar originariamente e, portanto, com evidenciação máxima – ou como o próprio Husserl prefere nos dizer, em 1913, no § 3 de *Ideias I*, pudesse aparecer em sua “ipseidade de carne e osso” (*in seiner “leibhaften” Selbstheit*) (HUSSERL, [1913] 1976, pp. 14/15). Se o exercício generalizado da suspensão de juízo se torna obrigatório para a abertura desta nova objetividade, própria de um campo fenomenal, o método da redução fenomenológica desloca-nos, definitivamente, para este novo campo que, segundo Husserl, não é senão um “campo de conhecimento absoluto” (*Feld absoluter Erkenntnisse*). Para Husserl, faz-se necessário elevar intuitivamente à consciência da universalidade as objetividades universais deste campo, tornando possível uma “investigação de essências” (*Wesensforschung*). A abertura do campo fenomenal revela-nos o que Husserl considera, no § 35 do Capítulo 5 das lições de 1906/1907, o “verdadeiro ponto Arquimediano da filosofia” (*der wahrhaft archimedische Punkt der Philosophie*). Tal “ponto Arquimediano” coloca-nos, por sua vez, frente à distinção entre uma imanência psicológica (para a qual nos voltamos, enquanto homens efetivos que afirmam, negam, duvidam, etc., e sobre a qual ainda incide o exercício da *epoché*) e uma “autêntica imanência”, domínio do dar-se em si mesmo das coisas (para a qual a generalização da *epoché* nos deslocará a atenção). Afinal, é preciso suspender o juízo sobre a imanência em sentido “psicológico” (ainda presente na evidência da *cogitatio*) para adentrar à autêntica imanência em sentido “fenomenológico”.

É através do deslocamento de tais imanências que, enfim, notamos a fenomenologia reivindicar uma apreensão intuitiva de essências do que se mostra à consciência. Conforme Husserl destaca, nas suas primeiras considerações a respeito do método fenomenológico, com a redução fenomenológica, passamos do fato individual para o que há nele de genérico. O exercício da redução fenomenológica assegura-nos a possibilidade de falarmos de uma *eidética* (ou de uma “doutrina de essências”). A redução fenomenológica exige-nos, como vimos, que tudo o que é transcendente possa ser submetido a um índice de nulidade, forçando-nos à abstenção de considerações sobre toda

e qualquer posição de existência. Com isso, encontramos-nos em condições de exercer uma espécie de “técnica de variação imaginária dos objetos”: atendo-me, ao exercer a redução fenomenológica, ao núcleo invariante da coisa, isto é, ao que persiste na coisa pensada mesmo diante de todas as variações as quais a submeto “arbitrariamente” em minha imaginação. Não se trata agora de visar *esta* ou *aquela* singularidade perfilada na imaginação, mas sim, o que é visado “em geral”, *in specie*; nos termos de Husserl, o “*universal idêntico*” (*identische Allgemeine*) destacado visualmente a partir desta e daquela intuição singular. A variação arbitrária de um objeto qualquer na imaginação permite-nos notar que tal arbitrariedade não pode ser completa, uma vez que há condições necessárias sem as quais as próprias variações deixam de ser variações *daquilo* que se intenciona no pensamento. Cada uma dessas possibilidades (ou desses exemplares) que se perfila na imaginação compartilha, necessariamente, com as demais, algo de “invariante”, coincidindo em relação ao caráter necessário do que é intencionado no próprio pensamento. A apreensão deste núcleo invariante é o que Husserl denominou de “visão de essências” (*Wesenschau*).

Pode-se dizer, portanto, que a redução fenomenológica consiste, primeiramente, em uma espécie de “redução eidética”. É preciso notar, porém, que estamos diante apenas de um primeiro momento do método. O segundo consistiria na análise da essência (*Wesensanalyse*) por intermédio da qual se revelariam, dentre outros aspectos: as diferentes significações que se articulam diretamente com o sentido originário apreendido intuitivamente, bem como as diferentes modalidades de aparecimento do que é intencionado. Neste sentido, a redução fenomenológica não pode, enquanto método, se restringir a uma mera redução eidética, confinando-nos ao deslocamento de intuições singulares para o pensamento do sentido de algo em geral. Afinal, a essência que se evidencia efetivamente como um dado absoluto (*absoluten Gegebenheit*) é, como Husserl já nos esclarece no período de Göttingen, uma essência “constituída” nos próprios atos intencionais, o que por si só impõe à redução uma nova etapa: deslocamo-nos da essência intuída para os elementos que, no conteúdo fenomenológico do próprio ato, determinam a constituição da essência.

Seja como for, as primeiras palavras de Husserl sobre o método da redução fenomenológica remetem-nos para o importante conceito de “intuição (ou visão) de essências”. Acrescenta-se ainda que os influxos exercidos no século XX pelo projeto da

fenomenologia husserliana para se pensar, sobretudo, uma abordagem fenomenológica (em contraposição a uma abordagem positivista) das ciências humanas, apoiaram-se, sobremaneira, no referido conceito. Alguns trabalhos publicados a partir da década de 50 na França, imbuídos de trazer uma perspectiva fenomenológica das ciências humanas (da Sociologia, da Psicologia, da História, etc) mostram muito claramente a importância do conceito em questão. Como exemplo de autores cujas obras expressam os influxos exercidos, no início da referida década, pelo projeto fenomenológico husserliano no pensamento francês, podemos citar os trabalhos publicados por Jean-François Lyotard (1924-1998) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Apesar das especificidades de suas considerações, ambos os autores recebem esta influência, dando especial destaque ao conceito de “intuição de essências”. Em que medida tais autores se aproximam ou se afastam radicalmente de Husserl no tratamento do conceito em questão é o que examinaremos mais detidamente a partir de agora. Seja como for, deparamo-nos com dois autores cujas obras são, no começo da segunda metade do século XX, expressões vivas da influência da fenomenologia de Husserl na filosofia francesa contemporânea. Passemos, então, a um exame de algumas passagens de duas obras publicadas no referido período pelos autores citados.

“Intuição de essências” nas ciências humanas segundo Lyotard

Dentre os autores franceses que, no começo da década de 50, concentram-se na elucidação do método fenomenológico (particularmente, do conceito de “intuição de essências”), bem como na abordagem fenomenológica das ciências humanas, destaca-se o filósofo francês Jean-François Lyotard. Dedicado à fenomenologia, o volume da coleção enciclopédica *Que sais-je?*, de autoria de Lyotard, nos traz, em 1954, uma obra que apresenta, em caráter introdutório, as bases do projeto filosófico de Husserl. A referida obra procura ainda, em um segundo momento, promover articulações da fenomenologia com as ciências humanas, remetendo-nos para a possibilidade de adoção do método fenomenológico nos campos da Sociologia, da História e da Psicologia.

Na primeira parte do livro, Lyotard procura mostrar que, impulsionado por seu projeto filosófico, Husserl toma para a fenomenologia a tarefa de fundamentar a filosofia em bases sólidas, isto é, de fundamentá-la em evidências plenas, recuperando, de certo

modo, no sec. XX, o ideal de promover uma reforma da filosofia para pensa-la como uma ciência de fundamentos absolutos. Nos termos de Lyotard: “A esperança cartesiana de uma *mathesis universalis* renasce em Husserl” (LYOTARD, [1954] 2007, p. 4). Daí o ímpeto husserliano de constituí-la como uma “ciência de rigor” (*strengte Wissenschaft*) – intenção primária que acompanha o itinerário husserliano por quase quatro décadas³. Neste sentido, ao tomar algo como objeto de meditação filosófica, em um “novo tipo de atitude” (*neuartige Einstellung*), o filósofo desloca o olhar de suas metas finitas e circunstanciais, próprias de suas preocupações diárias inerentes a um “mundo circundante” (*Umwelt*), para metas ou tarefas infinitas (nos termos de Husserl, “o interesse pelo todo e, com isso, a pergunta pelo devir que engloba todas as coisas...”) (HUSSERL, [1936] 1976, p. 321), transformando-se, assim, em um novo homem: espectador desinteressado e contemplador do mundo. Com este novo homem, deparamo-nos, portanto, com uma mudança radical de atitude, cuja marca consiste em um puro interesse pelo conhecimento que, aos olhos de Husserl, já designa um interesse puramente teórico. Trata-se da decisão deste novo homem de consagrar toda a sua vida futura à teoria, de dar a ela um caráter universal, construindo “...conhecimento teórico sobre conhecimento teórico *in infinitum*” (HUSSERL, [1936] 1976, p. 332). O filósofo não deve, portanto, se contentar com qualquer outro tipo de evidenciação dos objetos que não assuma, para ele próprio, a sua plenitude, não devendo se contentar com qualquer outro nível de evidenciação que fique aquém de uma “evidência apodítica”. Tal anseio impõe, conforme notamos, um desafio metodológico a Husserl: encontrar uma estratégia metodológica que viabilize o alcance de tais evidências apodíticas e, por conseguinte, a constituição da filosofia como uma ciência rigorosa que servisse de referência para as demais ciências.

Lyotard lembra-nos, na primeira parte do livro, que o ponto de partida do itinerário traçado por Husserl encontra-se na chamada “tese do mundo”, também designada por Husserl de “tese natural” (*natürlichen Thesis*), isto é, na tese segundo a qual há um mundo que já está dado, constituído independentemente das nossas percepções. Um

³ Alexandre Fradique Morujão lembra-nos que: “Das *Investigações Lógicas a Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, uma intenção primária dá corpo e articula os sucessivos trabalhos de Husserl, inéditos ou não. Podemos definir esse denominador comum como a *exigência da filosofia como ciência rigorosa*”. Cf. Morujão, A. F. “Husserl e a filosofia com ciência rigorosa”, p. 147.

mundo frente ao qual podemos tomar atitudes variadas, um mundo dentro do qual nos inserimos com os nossos próprios corpos, situando-nos em meio a outros tantos corpos. Em suma, é a tese segundo a qual o mundo é isto que, da maneira a mais imediata e direta, me é revelado pela experiência sensível: as coisas com as suas propriedades, em suas relações umas com as outras, situadas em uma dimensão espaço-temporal, percebidas empiricamente por mim (enquanto homem efetivo, ente psicofísico, objeto das ciências psicológicas, etc.), do meu próprio ponto de vista. A vivência da tese do mundo e, sobretudo, o *uso* dessa tese, coloca-nos no âmbito do que Husserl chamou de uma “atitude espiritual natural” (*natürlichen Geisteshaltung*), adotada habitualmente pelos homens, bem como pelas ciências positivas da natureza. Abre-se, de imediato, uma relação que coloca, de um lado, uma consciência empírica (contingente, circunstancial e psicológica), e de outro, o mundo circundante natural (*natürliche Umwelt*) revelado para mim (enquanto homem efetivo) como uma realidade de fatos existentes.

Lyotard deixa claro que o alcance de tais evidências apodíticas – peça fundamental para o propósito de viabilizar uma fundamentação rigorosa para a filosofia – não poderia derivar do plano empírico-natural, pois, da facticidade do mundo somente podemos extrair evidências parciais (poder-se-ia dizer “perspectivistas” ou “existenciais”), de modo que “...eu não acedo à coisa senão unilateralmente, por uma de suas faces...” (LYOTARD, [1954] 2007, pp. 20/21). Como nos diz Husserl desde 1900, em *Prolegômenos à Lógica Pura*, volume propedêutico às *Investigações Lógicas* (1900/1901), da observação dos fatos somente podemos inferir “generalizações vagas da experiência” (*vage Verallgemeinerungen der Erfahrung*). Tal constatação exige-nos, como acentua a primeira parte do livro de Lyotard, o exercício de uma reflexão radical que dê uma “racionalidade efetiva” (*wirklichen Rationalität*) à filosofia. No exercício dessa reflexão, a única realidade cuja existência se revelaria de modo indubitável seria a dos nossos próprios pensamentos (*cogitationes*), ou seja, dos fenômenos que aparecem para o nosso espírito desde que esse espírito fosse definido não como eu empírico (episódico e, portanto, contingente), mas sim, como consciência pura, dotada da capacidade de ver as essências em si mesmas, independentemente de qualquer referência a um mundo “posto entre parênteses”. Trata-se, como o próprio Husserl insiste em ressaltar, em diferentes momentos de sua obra, de um “puro ver” (*reinen Schauen*) das coisas. Nos termos do § 35 de *Ideias I*, trata-se “...não exatamente e meramente do olhar

físico, mas do ‘*olhar do espírito*’...” (Husserl, [1913] 1950, p. 113). Deslocamo-nos, com a redução fenomenológica, da posição de existência dos fatos – sobre a qual exercemos a *epoché* – para a apreensão intuitiva do que se revela, como dado absoluto, na própria consciência intencional. Nos termos de Lyotard: “Trata-se de explorar este dado, ‘a coisa mesma’ que percebemos, sobre a qual pensamos, da qual falamos...” (LYOTARD, [1954] 2007, p. 5). Daí Husserl se referir à metáfora “da perda e do ganho do mundo” – a propósito deste deslocamento operado pelo método fenomenológico. Vemos, por exemplo, em um curso de 1909 – intitulado *Ideia da fenomenologia e seu método* – Husserl afirmar que: “Perdemos o mundo, para ganhá-lo de um modo mais puro, retendo o seu sentido. A fenomenologia põe fora de circuito a realidade da natureza... mas retém, por assim dizer, a alma, o sentido de tudo isso com o qual estou imediatamente em contato...” (apud Fragata, SJ, J, 1956, p. 113). Como lembra Fradique Morujão: “O mundo transforma-se num ser *puramente intencional*; vale para mim, nesta nova atitude, como *fenômeno*” (Fradique Morujão, A. 2002, p. 233).

Na segunda parte do livro, intitulada “Phénoménologie et Sciences Humaines”, Lyotard chama-nos a atenção para a crítica fenomenológica ao programa positivista adotado por certas correntes em Sociologia e, por conseguinte, para a “insuficiência essencial” (*l’insuffisance essentielle*) – do ponto de vista puramente teórico – do procedimento indutivo aceito por tais correntes de inspiração positivista, uma vez que a adoção de tal procedimento “...apenas responde à questão do *como* e não à questão do *porque*” (LYOTARD, [1954] 2007, p. 71). Como nos lembra Lyotard, não podemos inferir, como pretendem as correntes positivistas, uma “lei geral” – cuja validade seja absoluta – a partir da observação de casos particulares. “*De um grande número de ‘casos’, não podemos induzir uma lei*”, nos diz o autor (LYOTARD, [1954] 2007, p. 73). O procedimento por indução adotado pelas ciências positivas permite-nos inferir, a partir da observação sistematizada e da descrição da regularidade dos fatos observados, não leis de valor absoluto, mas apenas “regras empíricas”, generalizações que, por serem extraídas dos fatos, não perdem o seu cariz contingente. Da constatação da regularidade (ou da constância) dos casos enumerados, o cientista positivista promove um “salto inferencial”, deslocando-nos para uma generalização empírica que, como tal, não deixa de ser contingente. Mas, e quanto ao sentido mais “íntimo” *daquilo* que é investigado em seu aparecimento originário? E quanto ao sentido da objetividade do mundo que o cientista

positivista insiste em considerar como uma obviedade e, portanto, como algo que dispensa investigação⁴. Eis algo que o cientista positivista insiste em desconhecer ao por em prática a descrição da regularidade dos fatos observados sistematicamente.

Já com a fenomenologia, deparamo-nos, de antemão, alerta-nos Lyotard, com uma *eidética* (isto é, conforme vimos, com uma “doutrina de essências”). Não há ciência que não comece por estabelecer um quadro de essências obtidas pela técnica de variação imaginária dos objetos (identificação de aspectos invariáveis dos objetos). Lyotard cita, como exemplo, o uso da abordagem fenomenológica no campo da Sociologia. Afirma-nos que, em uma sociologia fenomenológica, se quisermos estudar a existência de uma instituição em um determinado grupo social, sua gênese histórica e o seu papel atual na sociedade, faz-se necessário definir primeiramente *o que* seja esta instituição. Como nos lembra Lyotard, a sociologia de Durkheim – fiel ao programa comteano da “física social”, no qual os fatos sociais eram tratados *como* coisas, e cujo propósito era o de estabelecer relações constantes entre a instituição estudada e o meio social – assimilava, por exemplo, em *Formas Elementares da Vida Religiosa*, a vida religiosa à experiência do sagrado, afirmando-nos que o sagrado tem a sua origem no totemismo, cuja origem resulta, por sua vez, de uma sublimação do social. Mas, de acordo com Lyotard, seria exatamente neste ponto que uma visada fenomenológica da sociologia promoveria os seguintes questionamentos: a experiência do sagrado constitui a essência da vida religiosa? Não seria possível conceber (por variações imaginárias) uma religião que não se apoiasse sobre esta prática do sagrado? Enfim, o que significa o sagrado propriamente dito? Ao invés de inferir generalizações empíricas a partir da descrição das relações constantes entre os casos observados, a atitude fenomenológica concentra-se – em um processo inverso aquele adotado pelas ciências positivas – na descrição (ou análise) de essências. Trata-se, com a atitude fenomenológica, de “Ir às coisas mesmas” (*Zu den Sachen selbst*), de elucidar visualmente, determinar e distinguir o sentido originário que a coisa – sob o

⁴ No § 32 do Capítulo 5 das lições de 1906/1907, publicadas sob o título de *Introdução à Lógica e Teoria do Conhecimento*, Husserl lembra-nos que tais ciências positivas se encontram em uma espécie de “paraíso de inocência teórico-cognoscitiva” (*Paradies der erkenntnistheoretischen Unschuld*). Tudo caminha bem, as ciências progredem de maneira inabalável até que seja exercida uma “reflexão teórico-cognoscitiva” (*erkenntnistheoretische Reflexion*) sobre o sentido ou a validade da objetividade do mundo que tais ciências consideram como óbvia.

modo de coisa intencionada – revela, independentemente da sua posição de existência⁵. Conforme nos diz Lyotard, nas ciências humanas, seja em Psicologia, Sociologia ou História, tratar o homem como uma coisa é afirmar *a priori* que o procedimento metodológico adotado pela ciência positiva vale, paralelamente, para os fenômenos físicos e psíquicos. Tal procedimento incorre, lembra-nos Lyotard, na omissão de que o comportamento humano (individual ou coletivo) *veut dire* alguma coisa, isto é, exprime uma intencionalidade, de modo que: “nós nunca abordamos um fenômeno humano, isto quer dizer, um comportamento, sem lançar em direção a ele a interrogação: o que ele significa?” (LYOTARD, [1954] 2007, pp. 75/76). O método fenomenológico desloca-nos a atenção justamente para o referido sentido originário revelado pela coisa na imanência da própria consciência que o intenciona. Se em Lyotard a intuição de essências – como momento decisivo da redução fenomenológica – se contrapõe à indução, Merleau-Ponty formula a hipótese segundo a qual tais procedimentos se tornam conciliáveis e, até mesmo, podem ser considerados “homogêneos”. Examinemos, então, mais detidamente, tal hipótese.

Homogeneidade entre indução e intuição de essências segundo Merleau-Ponty

Também na década de 50, acompanhamos Merleau-Ponty publicar *Ciências do Homem e Fenomenologia* ([1951] 1973). Trata-se de uma leitura obrigatória para aqueles cujos estudos e pesquisas concentram-se em torno das relações entre a fenomenologia e as ciências humanas. O livro é o resultado de um dos cursos ministrados por Merleau-Ponty no início da década de 50. Sua primeira edição data de 1951 e esteve sob a responsabilidade do "Centre de Documentation Universitaire" do *Collège de France*. O objetivo maior do livro consiste em evidenciar os influxos, bem como os impactos, produzidos pelo projeto da filosofia fenomenológica de Husserl sobre as ciências humanas. Dentre as ciências do homem que sofreram tais influxos e impactos, Merleau-Ponty concede, ao longo do livro, um lugar de destaque às pesquisas desenvolvidas em Psicologia, Sociologia, Linguística e História. O autor esforça-se, na primeira metade do livro, tal como Lyotard viria a fazer na obra de 1954, em clarificar a especificidade da

⁵ Nas “Cinco Lições”, proferidas em abril-maio de 1907, Husserl nos diz: “A fenomenologia procede elucidando visualmente, determinando e distinguindo o sentido...Mas tudo no puro ver”. Cf. Husserl, E. *Die Idee der Phänomenologie*, p. 58.

atitude fenomenológica, bem como da estratégia metodológica adotada pela fenomenologia de Husserl. O autor destaca a originalidade do caminho inaugurado pela fenomenologia, preocupando-se em mostrar que a crítica husserliana ao psicologismo do século XIX não implicaria na aceitação de um logicismo. Já na segunda metade do livro, deparamo-nos com a hipótese de Merleau-Ponty segundo a qual haveria uma conciliação possível entre a "intuição de essências" (*Wesenschau*) e o método indutivo adotado pelas ciências positivas, hipótese que contrariaria, de alguma maneira, a posição assumida por Husserl.

No que se refere à crítica ao psicologismo do século XIX, o autor apresenta-nos, com clareza, o argumento husserliano – apresentado em *Prolegômenos* (1900) – segundo o qual o erro primordial dos psicologistas consistiria em tomar as "leis do pensamento" em termos de "leis causais psicofísicas", confundindo, com isso, os domínios do real e do ideal. Merleau-Ponty lembra-nos ainda que tal crítica se estende às abordagens positivistas nas Ciências Humanas, na medida em que as mesmas acabam por restringir todo pensamento examinado ao seu "condicionamento exterior" (na Psicologia, aos processos psicofísicos; na Sociologia, às relações sociais; na História, aos fatos históricos, etc.). Segundo o autor, esta abordagem gera o inconveniente de voltar-se contra quem a emprega (MERLEAU-PONTY [1951] 1973, p. 21). Ora, se todo pensamento está condicionado a leis que lhe são extrínsecas, o próprio pensamento de quem enuncia esta tese estará sujeito a estas mesmas condições. Husserl denunciaria, então, que tais abordagens nas ciências humanas incorreriam inevitavelmente em um ceticismo. Mas, segundo Merleau-Ponty, a crítica às teorias cujas teses insistem em extrair as leis do pensamento de tal "condicionamento exterior" (processos psicofísicos, relações sociais, fatos históricos, etc.) não levaria Husserl à aceitação de um logicismo, abordagem para a qual se admitiria, para além das cadeias de causas e efeitos psicológicos, a presença de uma esfera de verdade, lugar do pensamento propriamente dito, para o qual o filósofo supostamente se voltaria independentemente da experiência (MERLEAU-PONTY [1951] 1973, p. 21). Tal abordagem encontra-se, pode-se dizer, em oposição à perspectiva psicologista, uma vez que, enquanto esta perspectiva procura extrair as leis do pensamento da experiência, o logicismo – ao romper o vínculo com a experiência, analisando "conceitos vazios" – incorreria em um formalismo dogmático. Merleau-Ponty esforça-se em mostrar, então, que o projeto da filosofia fenomenológica consistiria em

uma "ciência do vivido", cujas investigações deslocar-nos-iam para a camada intencional, sem deixar, contudo, de considerar os dados sensíveis do vivido como ponto de partida da intuição originária de um dado objeto intencionado em um *cogito* atual.

É por meio do recurso metodológico da redução fenomenológica que Husserl superará, portanto, tanto o psicologismo, quanto o logicismo. É na medida em que suspendo meu juízo sobre a posição de existência dos entes mundanos – incluindo também a posição de existência do homem como ente psicofísico, objeto de estudo da ciência psicológica – que posso entrar na vasta esfera de significações virtualmente implicadas na intenção de um objeto, adentrando na camada intencional do vivido. Ao operar a redução fenomenológica, não estou negando o mundo tal como um cético, mas apenas "colocando-o entre parênteses" para que ele possa aparecer, em sua doação originária, tal como se apresenta na esfera da consciência pura (doadora originária de sentido), o que é o mesmo que dizer, para que ele possa aparecer em sua totalidade como "fenômeno". Desta maneira, na luta de Husserl contra o psicologismo, mas também contra o logicismo, sua visada consiste em reafirmar a racionalidade no nível da experiência, por meio da redução fenomenológica que nos permite pensar a autêntica objetividade na pura interioridade da consciência intencional.

Tal como na obra de Lyotard, examinada anteriormente, percebemos o esforço de Merleau-Ponty em evidenciar a crítica de Husserl às ciências positivas, cujo método de investigação consiste na indução. Merleau-Ponty lembra-nos, tal como faria Lyotard três anos depois, que Husserl se apoia na concepção segundo a qual todas as ciências partiriam de um quadro de essências (na física, uma eidética da "coisa física"; na psicologia, uma eidética do "fato psicológico", etc.). Tal quadro seria, mediante uma atitude reflexiva, aclarado por uma ciência eidética regional por meio da intuição de essências (*Wesensschau*). Cabe lembrar que, em Husserl, não devemos entender a essência (*eidōs*) como essência de uma forma pura que subsiste por si mesma, mas sim, como *aquilo* que se procura reter no pensamento como algo de invariante *daquilo* que se intenciona, a partir das variações imaginárias as quais a própria coisa pensada é submetida. Nos termos de Merleau-Ponty: "...o que não pode variar sem que o objeto mesmo desapareça é a essência" (MERLEAU-PONTY [1951] 1973, p. 47). A crítica de Husserl às ciências positivas consiste em mostrar que tais ciências – mergulhadas na atitude natural e, por conseguinte, em um realismo ingênuo – promovem uma investigação positiva dos fatos

sem considerar o quadro de essências do qual partem, desconsiderando, portanto, a intuição originária *do que é* investigado. Segundo Merleau-Ponty, no caso da psicologia, o conhecimento dos fatos pertenceria à ciência psicológica, ao passo que a definição das noções que permitiriam elaborar tais fatos pertenceriam à fenomenologia (MERLEAU-PONTY [1951] 1973, p. 33). Se as generalizações empíricas inferidas por indução são circunstanciais, pois carecem de exatidão absoluta, Husserl esclarece-nos que a intuição de essências revela-nos a coisa em sua doação originária e, portanto, em um grau de evidenciação apodítica, em uma "ausência absoluta de dúvidas" (*absolute Zeifellosigkeit*).

Mas, a partir da página 46, vemos Merleau-Ponty introduzir a hipótese segundo a qual haveria não um prejuízo ontológico entre a "intuição de essências" e a indução, conforme Husserl parece apontar, mas sim, uma relação de parentesco entre os dois modos de conhecimento. Segundo o autor francês, ambos os modos constroem-se sobre uma variação: a intuição de essências assenta-se em uma variação imaginária, ao passo que a indução "... procede por variações efetivas, considerando casos múltiplos verdadeiramente realizados" (MERLEAU-PONTY [1951] 1973, p. 47). O autor afirma-nos ainda que o parentesco entre tais modos de conhecimento é ainda mais estreito. Chama-nos a atenção para a ideia husserliana segundo a qual haveria um quadro de essências do qual partiria a ciência positiva ao praticar a indução, já que o conhecimento do fato conteria um conhecimento eidético virtualmente implicado, mesmo que ainda não apercebido pelo cientista positivo. Para Merleau-Ponty, na medida em que o desenvolvimento das ciências do homem procede de forma imanente ao desenvolvimento do pensamento fenomenológico, abandonando os preceitos positivistas que outrora o nutria, não mais haveria a necessidade de manter velhas dicotomias como o possível e o atual, a essência e a existência; não mais haveria discordância entre ambos os desenvolvimentos. A relação seria, antes disso, uma relação de concordância entre tais modos de conhecimento, posto que imanente (MERLEAU-PONTY [1951] 1973, p. 64). Desta forma, torna-se importante frisar que, para o autor, a constatação desta conciliação teria lhe permitido ir além do ponto onde o próprio Husserl jamais teria almejado ir, isto é, o de reconhecer que haveria uma "... homogeneidade fundamental dos dois modos de conhecimento, indutivo e essencial" (MERLEAU-PONTY [1951] 1973, p. 49).

Considerações Finais

A apreciação das obras dos referidos filósofos franceses, mencionadas no presente artigo, permite-nos ver, claramente, o influxo exercido pelo projeto filosófico husserliano no pensamento francês, particularmente, na década de 50. Lyotard e Merleau-Ponty proporcionam-nos, em suas respectivas obras, uma exposição introdutória das bases sobre as quais se assenta a fenomenologia de Husserl (exposição que pode sim ser muito útil aos estudantes que procuram, num primeiro momento, uma iniciação à fenomenologia). Além disso, como vimos, tais autores enaltecem uma abordagem fenomenológica das ciências humanas. Em ambos os casos, a influência de Husserl, bem como a defesa da referida abordagem, se dá, fundamentalmente, através do conceito husserliano de “intuição de essências”. O ponto que, nitidamente, separa os dois autores encontra-se, justamente, na posição que assumem para pensar a relação entre a referida intuição – considerada central para a elucidação do procedimento metodológico adotado pela fenomenologia – e a indução enumerativa exercida, do ponto de vista metodológico, pelas correntes positivistas nas ciências humanas. Se Lyotard insiste em afirmar uma contraposição (poder-se-ia dizer uma “heterogeneidade”) entre o que é apreendido intuitivamente como um “universal idêntico” através das variações imaginárias e a “generalização empírica” inferida através da indução, Merleau-Ponty formula, conforme mostrado, a hipótese de uma relação de parentesco (e, até mesmo, uma “homogeneidade”) entre tais procedimentos metodológicos adotados, respectivamente, pela fenomenologia e pelas ciências positivas. Fiel às considerações husserlianas, Lyotard preserva a distinção entre a validade deste “universal idêntico” apreendido na redução eidética e a validade da generalização inferida indutivamente, mostrando que, enquanto a primeira tem valor apodítico (não admitindo a possibilidade do contrário), a segunda tem valor contingente (não perdendo, portanto, o seu cariz circunstancial ou episódico). O que talvez apareça, na obra mencionada, como uma limitação nas considerações de Lyotard seja o fato do autor se manter, ao tratar da redução fenomenológica, no âmbito da redução eidética, sem adentrar na redução transcendental propriamente dita, isto é, na investigação do conteúdo fenomenológico do ato intencional, determinante das diferentes modalidades de aparecimento (“modalidades do dar-se”) do que é visado na própria esfera da consciência intencional. Já Merleau-Ponty, ao tentar aproximar os dois procedimentos metodológicos (a ponto de afirmar uma “homogeneidade” entre os mesmos), tenta reduzir a variação

imaginária inerente à redução eidética à variação enumerativa inerente à indução, o que inevitavelmente acaba por colapsar a distinção entre as respectivas validades do universal idêntico (apreendido na variação imaginária) e da generalização empírica inferida indutivamente. Ao formular tal hipótese, Merleau-Ponty contraria uma preocupação assumida por Husserl desde *Prolegômenos*: distinguir a validade do que é apreendido intuitivamente por intelecção da validade do que é inferido por indução a partir da observação de fatos. Enfim, se a posição de Lyotard coloca-nos diante de uma limitação, no sentido de não ir muito além da redução eidética, a hipótese formulada por Merleau-Ponty atinge o que, para Husserl, é um problema de fundamentos: a distinção entre as leis do pensamento e as leis para fatos (em suma, a distinção entre o real e o ideal). Seja como for, ambos os autores expressam, na década de 50, a força viva dos influxos exercidos pelo projeto filosófico husserliano no pensamento francês, constituindo capítulos imprescindíveis para todo aquele que queira fazer um mapa das influências exercidas pela fenomenologia de Husserl na filosofia contemporânea.

REFERÊNCIAS:

FRAGATA SJ, J. *A Fenomenologia de Husserl como fundamento da filosofia*. Braga: Livraria Cruz, 1956.

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, ([1900] 1913).

_____. *Einleitung in die Logik und Erkenntnistheorie – Vorlesungen 1906/07*. Husserliana (Band XXIV). Dordrecht, The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1906/1907] 1984).

_____. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950).

_____. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1913] 1976).

_____. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).

LYOTARD, J-F. *La Phénoménologie* (Collection *Que sais-je?*), Paris: Presses Universitaires de France, ([1954] 2007).

MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do Homem e Fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, ([1951]1973).

MORUJÃO, A. F. “Husserl e a filosofia como ciência de rigor”. In: Morujão, A. F. *Estudos Filosóficos – Vol. I*. Estudos Gerais – Série Universitária. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

_____. “Mundo e Intencionalidade. Ensaio sobre a noção de mundo na fenomenologia de Husserl”. In: Fradique Morujão, A. *Estudos Filosóficos – Vol 1*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, pp. 173-377.

TOURINHO, C. D. C. “O desafio metodológico de Husserl, o exercício generalizado da *epoché* e o estatuto transcendental da objetividade fenomenológica”. In: *Revista Portuguesa de Filosofia – Fenomenologia e Filosofia Prática*, V 71, N° 1, 2015, pp. 11-25.